SEMPRE PRONTO

Mensário Escotista • Agraciado com o "Lis de Prata" da Assoc. dos Escoteiros de Portugal

ANO XXIX
DEZEMBRO
DE 1973
N.º 344

Comp. • Imp.: Livraria Cruz — Braga • REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO Trav. Vitorino de Freitas, 9 — LISBOA-3 — Telef.: 636607

O NATAL E OS HOMENS

Aproximamo-nos da data em que, há 1973 anos, nasceu o Homem que possuía uma visão da vida e dos seus problemas tão avançados, que ainda hoje a podemos considerar actual. Do que nos chegou desse Homem, sabemos que tentou ensinar aos seus semelhantes o modo de viver em Paz, para que o animal em potência, que existe dentro de nós, possa ser dominado pelo Espírito educado e orientado para isso...

Mil novecentos e setenta e três anos passaram sobre as palavras tão certas (ninguém duvida) do tal Homem e, ao fim de tanto tempo de se festejar o Seu nascimento, frisando-se que deve haver Paz, Concórdia e especialmnte Amor entre os homens, chegamos à conclusão de que o homem apenas progrediu tecnicamente. Sim, Amigo Leitor, depois de tantas experiências desagradáveis de guerras, cada vez mais terríveis, ao longo dos anos, o homem ainda hoje, em plena era espacial, não consegue dominar-se ou, melhor, ainda é dominado pelo animal que há dentro dele. Guerras, guerrilhas, escaramuças, revoltas... (chamem-lhe o que quiserem), o certo é que ainda hoje se mata para dominar o semelhante.

Abrimos o jornal e só lemos o resultados dos «mimos» do animal-homem ao seu igual animal-homem. Vietname, Médio Oriente, Irlanda, Chile, Bolívia, enfim, não estamos em nenhuma guerra mundial, até talvez os nossos trinetos estudarão, certamente, que o Mundo esteve em

Continua na pág. 3

FALEMOS DE CAMPISMO

Pelo Prof. A. ÁLVARO DÓRIA

Todo o mundo tem visto, no decurso dos últimos anos, particularmente desde 1960, a propaganda do Campismo e a consequente proliferação de campistas, que percorrem o país, uns a pé, ao acaso das «boleias» que conseguem pelo caminho, outros de bicicleta, de motoreta ou de motocicleta, muitos de automóvel, que arrasta a imprescindível *roulotte,* mais ou menos luxuosa.

É possível que algum curioso, ainda não totalmente habituado ao fenómeno, se tenha perguntado qual a razão deste «campofilismo», a que se dedicam alguns milhares de pessoas, desde os jovens que, *pedibus calcantibus,* se lançam à estrada ajoujados ao peso das mochilas, até a alguns senhores «bem» e de aparência sofisticada, que se fazem acompanhar de damas cinéfilas, nos seus automóveis, dando-se ares de bem instalados na vida ao ponto de poderem permitir-se o luxo de passar uns dias ao ar livre metidos numa tenda provida de todos os confortos que a nossa sociedade de consumo hoje permite.

Claro está que o Português só modernamente descobriu a Natureza e os prazeres do Campismo, habituado como estava a passar a época calmosa junto do mar, em qualquer praia *chic,* onde um casino benemerente pudesse proporcionar-lhe as emoções fortes da roleta, ou então numas termas de nomeada aonde o chamasse qualquer víscera comprometida e de que urgia tratar a tempo e horas. Isto considerando, é evidente, apenas os senhores a quem a deusa Fortuna sorrira, porque os outros, esses ou faziam Campismo desde tempos imemoriais, como os ciganos, ou o seu Campismo era permanente no decurso do ano, dele recolhendo pouca ou nenhuma diversão, presos como estavam à terra ingrata, de cujo amanho viviam, quando não morriam.

Este «campofilismo», como outros aspectos da vida actual (as cabeleiras compridas, os bigodes à pirata e as «patilhas» à toureiro, o fumar das mulheres) foi a moda soberana quem o impôs, fruto da política de consumo de bens, mesmo os supérfluos, que a Sociedade de Consumo não se cansa de apregoar, moda que talvez, dado o nosso temperamento e carácter, venha a passar, pelo menos — e ainda bem, se assim for — sob o aspecto de snobismo que desde o princípio tem revestido.

Porque o Campismo, desporto ideal para recompor o físico, o espiritual e o moral nas sociedades decadentes, há longuíssimos anos vem sendo praticado em numerosos países estrangeiros, fomentado pelos vários *Touring Clubes* que pululam por lá e com milhares de adeptos.

Entre nós, que se saiba, apenas o Exército o pratica, pela força das circunstâncias, meio obrigado de estacionamento dos soldados em manobras, perdida a velha tradição do aboletamento, que tantas quezílias provocava no passado. Nenhum português sentiu nesse tempo outra necessidade de ir ao campo

Continua na pág. 4

UM BOM NATAL!

Prestes a chegar ao final de mais um ano, eis que estamos a atravessar de novo a quadra festiva do **NATAL.**

SEMPRE PRONTO aproveita o ensejo para significar a todos os seus Amigos, Assinantes e Colaboradores os desejos de um **NATAL FELIZ** e de um **NOVO ANO** muito **ABENÇOADO.**

ANTIGOS ESCOTEIROS 1950

DIA DA AMIZADE

Por motivo do Dia da Amizade, que se comemora em 24 de Outubro, foi recebida na Fraternal uma saudação de todos os membros da Fraternal da Escócia, com sede em Edimburgo.

Também a senhora Lis Starcke, presidente do Conselho da Fraternal Internacional de Escoteiros e Guias Adultos, enviou uma mensagem a todas as Fraternais nacionais, afirmando que lembrava «que pertencemos a uma organização internacional, cujo desenvolvimento e expansão depende de nós: de cada escoteiro e de cada guia adulto, de cada país membro, e também do Conselho».

Depois de perguntar se temos valores a transmitir a nossos membros, tradições a preservar, serviços a prestar a nossos países, responde: — «Diria que SIM, mas é preciso fazer prova disso pela nossa acção».

E continua: — «Os princípios da Fraternal Internacional são os princípios do movimento escoteiro e guidista. Isto implica que, como adultos, os membros da «Amizade Internacional» se comprometem a respeitar a vida humana e os direitos do homem, promover a justiça e a paz a fim de criar um mundo mais feliz, contribuir para a compreensão internacional, mais particularmente para o espírito de camaradagem e de tolerância. Isto exige de cada membro uma formação permanente e um compromisso pessoal».

E mais adiante: — «Para nos desenvolvermos individualmente aprofundando o nosso compromisso pessoal que não poderemos preencher se nos não lembrarmos que, sendo adultos, somos responsáveis pelo que se passa no nosso país e no mundo».

«Se desenvolvermos as nossas personalidades, a expansão do movimento tornar-se-á mais fácil. É necessário não somente fazer conhecer o ideal que defendemos, mas também provar pela acção que aquele pode ser traduzido na realidade».

«...O ser humano isolado pouco pode fazer, mas se nos unirmos como nas nossas Fraternais, podemos fazer muito, influenciando a opinião pública e tomando parte na formação das nossas comunidades e prestando serviço aos nossos semelhantes».

E termina mais adiante: — «Não poderíamos todos nós tentar promover a nossa causa informando os outros do que fazemos, daquilo que aprendemos no passado — e daquilo que temos intenção de fazer no futuro, ajudando-nos e estimulando-nos assim uns aos outros?».

A secção de campismo da Fraternal promoveu o tradicional «Magusto»

A reunião que a Fraternal promove habitualmente na quadra do Outono entrou já nos hábitos de muitos antigos escoteiros, ganhando novas presenças de ano para ano.

Cerca de uma centena de companheiros e familiares, gozando o dia maravilhoso que foi o passado 11 de Novembro, confraternizaram alegremente no Parque de Escotismo da Caparica.

A jornada principiou na sede da Fraternal, onde se reuniram alguns veículos que dali partiram em caravana até ao Parque de Escotismo, onde realizaram uma curiosa gincana.

Após o almoço, que decorreu em ambiente de franca animação e camaradagem, teve lugar uma divertida competição de pares-mistos, sem limitação de idades, que preencheu agradavelmente o resto de uma maravilhosa tarde de sol, numa ardorosa disputa em que a sagacidade e a ligeireza foram atributos essenciais para a vitória.

Antes de terminar, Eduardo Xavier, o esforçado promotor da reunião, distribuiu lembranças pelos presentes.

A tarde caía já quando todos os companheiros se reuniram para assistirem respeitosos ao arriar das bandeiras hasteadas pela manhã, entoando hinos escoteiros, uma despedida que é sempre uma promessa de fraternidade e de apoio à causa do Escotismo.

M. G.

Foram eleitos os Corpos Gerentes da Fraternal para o biénio de 1973/74

No dia 30 de Novembro p. p., realizou-se na sede da Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal a eleição dos corpos gerentes para o biénio de 1973-74.

O Conselho Nacional, a cuja mesa presidiu o sr. Comodoro Daniel Duarte Silva, secretariado pelo sr. António Xavier de Brito, registou a presença de muitos antigos escoteiros. Os trabalhos, que não foram demorados, decorreram sem qualquer ocorrência fora do normal e concluíram-se pela eleição por aclamação da nova lista, a qual tem a seguinte constituição:

Conselho Nacional

Presidente: Prof. Dr. Délio Nobre Santos;
Vice-Presidente: Comodoro Daniel Duarte Silva;
Vice-Presidente: Albano da Silva;
Secretário: António Francisco Xavier de Brito;
Secretário: Eng.º José Maria Nobre Santos.

Direcção

Presidente: Dr. Eugénio Henrique Ramos;
Vice-Presidente: Humberto Martins;
1.º Secretário: José Girou Rebelo;
2.º Secretário: Miguel da Silva Martins;
Tesoureiro: Ernesto Clímaco do Nascimento;
1.º Vogal: Eduardo da Silva Xavier;
2.º Vogal: Fausto Sacadura.

Conselho Fiscal

Presidente: Amílcar Santos Fernandes;
Secretário: Manuel do Nascimento Duarte;
Relator: Mariano Garcia Inácio.

11.º PÃO DOS POMBOS

Conforme estava previsto, realizou-se no dia 4 de Novembro findo esta iniciativa do Grupo dos Amigos dos Animais e das Plantas, patrocinada pelo nosso colega *O Educador*.

Embora reunindo um número apreciável de crianças das escolas e colégios particulares, que deram provas do entusiasmo próprio da idade, a jornada foi muito prejudicada pelo temporal que nessa manhã se fez sentir em Lisboa, o qual afastou muitos dos habituais participantes.

O ESCOTISMO EM LUANDA

O Grupo n.º 36 dos Escoteiros de Portugal atravessa grave dificuldade

Pois é verdade! Exactamente no momento em que o Grupo 36 de Luanda se encontra em fase de progresso, com os seus quadros devidamente organizados e com uma actividade profícua em prol da juventude, é que surge uma grande dificuldade que pode pôr em perigo a existência da unidade.

O Grupo «36» — Diogo Cão — é uma unidade dos Escoteiros de Portugal com história de muito relevo. Fundado em 1927, quando era Alto Comissário em Angola o coronel Rego Chaves, foi seu primeiro chefe Vasco Antunes e primeiro presidente o, então, primeiro-tenente Vasco Lopes Alves. Por esta unidade passaram inúmeros escoteiros, pois alturas houve em que o seu efectivo se contava por muitas dezenas de membros, que honraram e têm honrado a progressiva cidade de Luanda. Trata-se portanto de um Grupo de Escoteiros que está intimamente ligado à vida da cidade, que o tem acarinhado através de todas as vicissitudes, algumas bem difíceis, mas o que permitiu que tenha chegado até aos nossos dias sem ter interrompido a actividade.

O Grupo estava agora instalado na sede dos prestimosos Bombeiros da Cruz Verde, corporação de voluntários que também tem servido generosamente a cidade. O progresso das urbes traz, porém, problemas. O Quartel dos Bombeiros vai ser demolido em obediência ao desenvolvimento da cidade e será transferido para uma zona bastante afastada do centro, portanto, sem interesse para sede do Grupo de Escoteiros, e assim os briosos escoteiros ficam sem sede, sem local para que os rapazes se encontrem, convivam e realizem as suas actividades.

O problema é grave, mas a cidade de Luanda não vai, certamente, pela primeira vez abandonar os seus rapazes escoteiros. É urgente encontrar solução para o problema. O Parque Heróis de Chaves, com locais óptimos ainda completamente vagos, parece oferecer condições para ali ser montada uma casa pré-fabricada, onde a Sede do «36» poderia ser instalada. Talvez a edilidade entenda que o local não deva ter essa aplicação e teremos de aceitar a sua resolução. Mas ao mui digno Presidente da Câmara vai certamente sobrar generosidade para solucionar o problema. Os Escoteiros de Portugal, entre os quais se contam muitos que têm dado o seu contributo para o progresso da capital angolana, lançam caloroso apelo a favor do prestigioso Grupo 36, de Luanda.

António Ferreira de Miranda

Este nosso estimado camarada escoteiro, há muitos anos radicado em Lourenço Marques, terminou a sua comissão de serviço militar naquele Estado. Em carta que nos escreveu participando o seu regresso àquela capital, tem a gentileza de nos afirmar:

«Aproveito a oportunidade para lhe endereçar o meu voto de confiança no inestimável trabalho que vêm fazendo em prol da juventude portuguesa bem como do Escotismo Nacional, que todos nós ansiamos se torne numa verdadeira fraternidade». Os votos deste nosso Amigo serão uma realidade se todos nos dispusermos a trabalhar em conjunto para esse objectivo.

«Sempre Pronto» em Olhão

Em virtude do nosso dedicado colaborador e amigo sr. José António da Silva ter suspendido a sua colaboração como Correspondente do «Sempre Pronto» em Olhão, em virtude de ter sido chamado a prestar serviço militar, foi convidado para desempenhar este cargo o nosso dedicado amigo sr. António de Jesus Brito, também membro do Grupo 6 e elemento que tem dado inúmeras provas da sua dedicação e fidelidade ao Escotismo, mesmo durante os anos que esteve radicado em Luanda.

António de Jesus Brito prometeu-nos já a sua prestimosa colaboração, pelo que lhe apresentamos as boas-vindas.

Ao nosso colaborador José António da Silva agradecemos os bons serviços prestados e desejamos-lhe as maiores felicidades no desempenho de seus deveres militares.

Jacinto dos Reis Moniz Silva

Por ocasião do Jambori do Ar, este nosso dedicado e solícito delegado nos Açores teve a amabilidade de nos enviar uma mensagem de «fraternais saudações».

O Natal e os homens

Continuação da pág. 1

Paz depois da II Guerra Mundial até... Até quando, Amigo Leitor? Pelo que nos é dado ver, se hoje em dia não são Guerras que há... nunca mais as haverá.

Ah!... Homem que viveste há 1973 anos, se vês o que por cá estão a fazer estes Animais que tentaste ensinar... Bom Mestre foste Tu, mostrando o Caminho, mas os animais vêem o petróleo, o dinheiro, o terreno, as armas, apenas se dedicam ao cultivo de tudo o que disseste ser mau. Nunca mais a humanidade compreendeu que pelas guerras apenas faz a ruína de si própria.

Estamos em crer que o mal está tão enraizado no animal que sempre e em qualquer pormenor da vida desse animal se nota a desordem, a cobiça, a morte. Desde o insignificante disparate que possamos fazer ao volante do nosso automóvel até aos campos de batalha, o homem, o pior animal da natureza, aproveita para ofender o seu semelhante todo o ano... bem todo o ano é exagero, durante 364 dias dos 365 que formam o ano, sim, porque o dia em que nasceu o Homem da Galileia é reservado a boas acções, a tréguas, à amizade. Se assim é, podes sentir-te feliz, Nazareno, porque as tuas palavras não foram completamente em vão. Resta ainda um dia no ano em que és lembrado, o dia de Natal, em que todos fazem um esforço para não ofender o semelhante e guardar o seu rancor, a sua vingança, para o dia a seguir. Sim, porque dia de Natal só há um no ano. Porquê, homem, porquê tudo isto?

Nas nossas escolas, enquanto pequenos, aprendemos que o único animal racional é o homem. Aí estamos com o autor da famosa frase: «Quanto mais conheço os homens, mais gosto e admiro os cães»...

Jarclouco

«SEMPRE PRONTO»

COBRANÇA DE ASSINATURAS

Com a aproximação de um novo ano, vamos proceder à cobrança das assinaturas do nosso jornal. Fora de Lisboa a cobrança é feita pelos serviços postais, sistema que presentemente fica muito dispendioso, especialmente nas localidades onde só temos um ou poucos assinantes.

Apelamos, por isso, para todos os assinantes a fim de que previnam em suas casas da próxima cobrança, para evitar a devolução dos recibos e o agravamento dos respectivos encargos, visto que, se o recibo é devolvido, a despesa mantém-se, mas desta forma inútil.

Seria pedir muito, mas se os assinantes residentes em localidades onde temos poucos subscritores — e algumas vezes só um — nos remetessem o valor da assinatura em cheque, vale postal ou selos do correio, seria vm valioso serviço prestado a «Sempre Pronto», que muito agradecemos.

A ADMINISTRAÇÃO



Compromisso de honra dos novos escoteiros do Grupo N.º 33

No pavilhão de ginástica do Liceu de Garcia de Orta, no Porto, realizou-se no domingo, dia 28 de Outubro passado, a cerimónia do compromisso de honra de trinta novos lobitos e quarenta novos escoteiros do Grupo n.º 33 dos Escoteiros de Portugal, nova e florescente unidade dirigida pelo escoteiro-chefe Dr. Fernando Meira Ramos.

Ao acto, assistiram delegações das companhias de Guias de Portugal, cerca de uma centena de raparigas, bem como dos grupos de escoteiros do Norte. Finda a cerimónia, foi celebrada missa no local, tendo em seguida sido realizado um desfile de todos os efectivos presentes por algumas ruas da zona da Boavista.

Festa anual da Associação das Guias de Portugal

Na sede da Associação das Guias de Portugal, no Porto, realizou-se no final de Novembro p. p. uma festa de amizade e camaradagem das guias de Portugal, em que estiveram presentes representações da Associação dos Escoteiros de Portugal e do Corpo Nacional de Escutas.

Estiveram presentes diversas individualidades, entre as quais o sr. Dr. Sobral, vice-presidente do Município portuense, as quais foram recebidas pelas sr.as D. Cora d'Aspey e D. Maria Helena Ferreira, respectivamente comissário da Região e sua adjunta.

Seguiu-se a distribuição de prémios do concurso de trabalhos manuais efectuado pela instituição.

Para se referirem à realização, falaram os srs. dr. Sobral Torres, rev.º Albert Aspey e frei Bernardo Domingues — dois dos assistentes da região do Porto.

A sessão foi depois encerrada, como havia sido aberta — com um colorido desfile de bandeiras precedido da bandeira nacional. Um coro de guias acompanhou com cânticos alusivos à cerimónia.

Capitolino Ferreira Macedo

Este nosso caro companheiro e velho amigo da nossa equipa da Administração, encontra-se bastante doente, tendo estado internado no Hospital Particular de Lisboa, onde foi sujeito a uma intervenção cirúrgica.

Fazemos votos de que as suas melhoras se acentuem e bem depressa o vejamos regressado ao nosso convívio.

Casamento

Em 17 de Novembro p. p., realizou-se em Luanda o casamento da sr.ª D. Maria Carolina Brito de Sá Viegas com o nosso estimado amigo e colaborador José António Ribeiro e Cunha, chefe escoteiro. A noiva é filha do sr. José Jonas Santa Brígida de Sá Viegas e de sua esposa sr.ª D. Maria Júlia Brito de Sá Viegas, e o noivo do nosso querido amigo Dr. António Augusto Silva e Cunha e de sua esposa sr.ª D. Vera Fernandes Ribeiro e Cunha.

Todos os que trabalham em «Sempre Pronto» desejam ao seu camarada Ribeiro e Cunha e à gentil noiva as maiores felicidades.



Óscar Mário Teixeira de Sousa

Chegou ao nosso conhecimento de que faleceu recentemente este nosso companheiro, o qual pertenceu ao Grupo n.º 1 na fase inicial da actividade desta unidade escotista.

À família em crepes, apresentamos as nossas condolências.

FALEMOS DE CAMPISMO

Continuação da pág. 1

que não fosse para um modesto piquenique com a família ou uns amigos, levando de casa os farnéis, raríssimos sendo os que se afoitavam a cozinhar ao ar livre... como os ciganos.

Quando o Escotismo se instalou em Portugal, foi que pela primeira vez se viram acampamentos que não eram de soldados em manobras ou de ciganos de passagem. E o vulgo riu-se da «madureza» desses jovens que, de chapéu à *cow-boy*, perna à vela e varapau ferrado, passavam uns dias e respectivas noites ao ar livre, dormindo em tendas militares e cozinhando as próprias refeições. Que desconforto! Seria realmente necessário ser-se «maduro» para se passar o tempo, enquanto tantos outros jovens o faziam nas cidades dispersos pelos cinemas, pelos teatros, pelas esquinas, pelos cafés, quando não era por outros locais menos respeitáveis, adestrando-se (?) para a luta pela Vida...

E durante muitos anos o Campismo foi apenas praticado, com todos os benefícios daí retirados, pelos Escoteiros, que, junto da Natureza, vivendo-a e observando-a, respirando o ar puro dia e noite, longe do ar cada vez mais viciado (hoje diz-se poluído) das cidades, aprendiam a bastar-se a si próprios, fazendo a sua própria comida, lavando a sua própria roupa, construindo as suas cozinhas (o que, embora não pareça, requer, além de técnica própria, um certo número de conhecimentos que muitos campistas de hoje desconhecem), procurando abastecer-se dos géneros de que careciam, aprendendo a distingui-los, e, nos intervalos, praticando esses numerosos jogos que são a criação genial de Baden-Powell e os fazem aplicar toda uma série de princípios os mais variados, desde a observação da atmosfera e dos astros até à confecção de nós os mais complicados, tudo o que lhes enchia os dias e, quando calhava, até as noites, deixando-lhes na alma ao regressar, esse travo de saudades desses dias passados longe da cidade e de tudo quanto nela há de condenável.

Ora bem. Há poucos meses, numa linda cidade algarvia, tive ensejo de ver alguns acampamentos onde grupos muito numerosos faziam Campismo (?) e fiquei completamente espantado, *abasourdi* diria um francês, com o que ali se me deparou.

O acampamento instalara-se em terreno concedido pela Câmara Municipal e a instalação impunha o pagamento de uma taxa de ingresso. Um guarda vendia os bilhetes de entrada, proibida após certa hora da noite aos estranhos. Havia ali tendas de todas as formas e feitios, enquanto os mais abonados tinham as suas *roulottes*, instaladas em local próprio, já preparado para o efeito.

Muitas das tendas eram providas de fogões de gás butano, o que poupava a maçada de ir buscar umas pedrinhas para entre elas se lançar a lenha colhida nas proximidades. Havia mesas metálicas articuladas, com as competentes cadeiras, louça de plástico, o inevitável plástico que invadiu o planeta, e muitas das camas eram também metálicas e articuladas, com a competente roupa — lençóis, cobertores, até cobertas! — e fronhas, que nem de longe podiam assemelhar-se às mantas dobradas que aos Escoteiros normalmente servem de travesseiro.

Isto, evidentemente, nas tendas, porque então dentro das *roulottes* quase luxuosas era o conforto, com as suas cozinhas completas com as bancas para lavar a louça e outros luxos que me deixaram espantado e depois pensativo.

De facto, tudo aquilo, que aqui resumi bastante para não tomar demasiado espaço, dava motivos para meditar quando comparado ao que, nos meus tempos de rapaz, se passava nos acampamentos de que participei e para sempre se me gravaram na memória.

Ainda levando em conta que o Campismo dos Escoteiros tem finalidade formativa, enquanto o dos *muftis* é mero passatempo, a verdade é que há laços de afinidade entre os dois, ambos a traduzirem o desejo de fuga da vida artificial das cidades, o «escapismo», para se ir buscar a retemperação do corpo no meio da Natureza.

Por mera coincidência deparou-se-me, poucos dias depois num jornal do Porto, este extraordinário anúncio:

TENDA DE CAMPISMO. Só para pessoas de muito nível. Toda assoalhada e alcatifada, 2 quartos de casal com camas de rede e colchões de espuma com mesinhas de cabeceira. Grande roupeiro. Cozinha com fogão a gás de 3 bocas e forno. Fogão eléctrico de 1 disco. Frigorífico, móveis de cozinha. Sala de jantar com mesa em fórmica e 4 cadeiras plastificadas suecas. Toda electrificada com luz fluorescente, candeeiros e tomadas. Tudo em estado de novo. A maior parte tem um mês de uso. O valor deste magnífico conjunto é de esc. 40 contos e vende-se por 20 contos por razões particulares.

Lê-se e não se acredita, pelo menos não o podem acreditar os Escoteiros, nem aqueles que conscientemente praticam o verdadeiro Campismo.

Que pode, com efeito, resultar de útil para a saúde daqueles que transportam para o campo — note-se que os acampamentos que vi nem mesmo estavam localizados no campo, mas entre construções urbanas, tendo um deles estado ainda há poucos anos instalado em local de piso cimentado... — tudo aquilo de que normalmente usam na cidade e de que parece não podem ou não querem prescindir? Se se exceptuar a faculdade de respirarem um ar mais puro, nada mais usufruem que possa considerar-se útil.

Porque o tempo livre num acampamento de Escoteiros dedica-se à prática de jogos ou à aprendizagem de tudo aquilo que consta dos programas dos vários graus na escala escotista. Nenhum escoteiro, portanto, tem tempo para aborrecer-se.

Quando os campistas (?) se instalam perto do mar, como aqueles que vi, o tempo passam-no quase todo nas praias, estendidos ao Sol a torrar ou, ainda bem, a nadar. As noites, porém, são dadas às *boites* que já pululam até nas pequenas localidades costeiras do Sul, e aonde vão anular os benefícios obtidos com a vida ao ar livre. Cheguei mesmo a ver indivíduos estendidos em preguiceiras articuladas!...

Parece, no entanto, que a proliferação dos campistas constitui uma consequência, não despicienda, do aumento exagerado das diárias, que, mesmo nas pensões modestas, não são acessíveis a todas as bolsas. Faz-se, assim, campismo reduzido para se poder frequentar as praias e torrar ao Sol como manda o bom tom ditado de cima, banido, como está o uso terapêutico dos velhos banhos de mar, hoje raras vezes prescritos pelos médicos aos seus doentes.

E aqui está, ao que creio, uma das razões da voga do Campismo nos nossos dias, o que teve, pelo menos, uma consequência que julgo do mais alto benefício: o reencontro do Homem com a Natureza, de que a civilização dos dois últimos séculos o tinha afastado, embora tal reencontro não esteja a fazer-se em bases racionais e sãs a contribuírem para o revigoramento dos seres humanos.

Nova sede do Grupo 14 em Algés

Depois de uma fase de reorganização, o Grupo n.º 14 da AEP, encontra-se agora instalado em Algés de Cima, na Rua Francisco Duarte Pedroso, 14, em instalações que lhe foram cedidas pelos Bombeiros Voluntários de Algés, benemérita corporação que tem prestado e continua a prestar relevantes serviços à população daquela populosa localidade dos arredores de Lisboa.



A prenda de NATAL

O velho sentara-se, como habitualmente, no último degrau da escadaria que leva à igreja.

Era ali que diariamente recolhia algumas moedas que lhe permitiam o magro sustento. Detestava pedir e só a necessidade absoluta da sua condição de velho sem recursos o obrigava a estender o chapéu gasto, num gesto bastante significativo mas sem lamúrias. Logo que obtinha o suficiente para o seu parco alimento, abandonava o posto e ninguém mais o via a pedir fosse a quem fosse. Mendigar não era para ele uma forma de vida, mas o único meio de se manter vivo, ainda que isso não representasse para si coisa de grande importância.

Só o hábito o levara a sentar-se ali, já que o sustento daquele dia de Natal lhe estava garantido pelo bodo que na véspera um motorista bem fardado deixara à porta do seu tugúrio.

Assistindo à missa, do fundo da igreja, ficara a saber que a encomenda lhe fora enviada da parte de caridosas senhoras, por inspiração do sr. prior, já que este sentira a necessidade de revelar a Deus gesto tão caritativo para que não deixasse de ser levado em conta na salvação daquelas boas almas.

Haviam-lhe dado mesmo mais do que era necessário para um bom almoço e ele estava por demais habituado a passar com o seu caldo onde algumas côdeas tomavam o lugar de delicioso pitéu. Foi por isso que, depois de pôr de parte algum açúcar e café, que lhe ajudariam a aquecer o corpo nas noites frias que se iam seguir, levara quase todo o conteúdo do pacote à senhora Zefa, a viúva que vivia com seus quatro filhos pequenos noutra barraca ali perto da sua.

Sentado, via passar os crentes, apressados, aconchegando seus abafos, alguns indiferentes à sua presença.

Mas fora algo mais do que o hábito que o prendera ali naquela manhã de Natal. Ele desejava ardentemente ver esses rostos já conhecidos, criar com eles a família que não possuía, quebrar o isolamento triste da sua vida, já a avizinhar-se do fim da penosa colina que representava a sua existência.

Do fundo dos seus pensamentos, surgiram-lhe as esfumadas imagens de um passado longínquo. Custava-lhe a acreditar que alguma vez tivesse sido feliz, mas aí estavam essas imagens fugidias de alguns anos de verdadeira felicidade, rematados pela mais profunda das dores humanas.

Revia a sua juventude pobre e áspera, precocemente adulto, quando, após a morte da mãe, aos 12 anos, seu pai, homem rude e pouco dado a afectos, lhe pusera em casa uma madrasta com quem nunca se entendera muito bem. O abandono dos estudos, o trabalho servil na mercearia do bairro, depois o lugar na fábrica onde aos 18 anos começou a ser tratado como homem, mais nas responsabilidades do que nos direitos. Depois a vida militar, durante a qual a morte trágica do pai quase lhe passara despercebida.

Finalmente a doce ilusão da felicidade surgia-lhe como uma miragem irreal no deserto do desespero. A boa e meiga Maria, colega na fábrica, que transformara em sua mulher. Ambos desejavam ardentemente ser felizes. E o nascimento de um filho seria o princípio dessa grande felicidade, para ele o início de uma vida e de uma família que nunca tivera verdadeiramente. O destino cruel negara-lhe essa oportunidade levando-lhe mãe e filho no momento em que este deveria ver a luz do dia, que se transformou imediatamente e para sempre na noite cerrada em que passou a arrastar a sua existência.

As recordações perdem-se, depois, numa nuvem densa de indiferença e desinteresse pela vida que vai correndo sem objectivos, desde o abandonar do emprego e da vila, em procura do esquecimento, passando pelo isolamento da emigração e pelas lutas duras dos empregos ocasionais que lhe permitissem a subsistência, até chegar à ocupação humilde mas independente da sua carroça de transportes, dividindo as agruras e canseiras dos fretes, pouco remunerados, com o único companheiro dos últimos longos anos, o pobre burrico a quem o peso da idade fizera vergar ainda primeiro que ao dono.

Cismando, o velho mal se apercebera que iam caindo no seu chapéu mais moedas do que era costume. Muitos se lembravam que era dia de Natal e queriam estar bem com a sua consciência, julgando conseguir-lhe bom aval ao lançar uma moeda no chapéu do velho mendigo. Até a senhora gorda, que habitualmente passa altiva e indiferente, deitara num gesto largo a sua moeda e o sombrio penhorista, bem conhecido pela sua avareza, deixara também, ainda que num gesto furtivo, o seu pequeno óbolo.

Mas o velho, a quem a indiferença pela vida fizera interessar-se apenas pelo sustento do dia a dia, continuava alheio ao cair das moedas.

No fundo dos seus sentimentos, algo de indefinível lhe transmitia aquele desejo de conviver.

Para ele, que não tinha família, o NATAL teria de ser mais alguma coisa do que a recolha de algumas moedas mais e um pequeno pacote de alimentos deixado na sua porta.

Não se apercebera sequer da aproximação da criança que o olhava curiosamente, aproveitando o momento em que a mãe se demorava, saudando festivamente uma amiga, aproveitando ambas para alguns momentos de interessada conversa.

Só deu mesmo por ela quando esta quase o tocou, olhando-o de frente com a candura feliz dos seus lindos 4 anos. O velho olhou a criança, primeiro a medo, não porque a confundisse com qualquer aparição extraterrena, que a isso não era dado o seu temperamento frio e realista, mas porque receou assustá-la. Aquele olhar firme e feliz naqueles olhitos tão lindos e ternos fazia-lhe bem e o velho desejava conservá-lo todo o tempo que fosse possível.

Olhou-a de novo e a criança sorriu abertamente, estendendo-lhe o seu saco de bombons. Tirou um, mais para lhe agradar o gesto e os seus pensamentos voaram de novo, na visão de uma cena que jamais vivera; uma casa acolhedora, a mesa preparada para uma refeição familiar, ambiente de festa e alegria e nos seus joelhos uma criança que o acariciava meigamente, talvez um neto.

Sentiu-se penetrado de uma sensação inefável de felicidade, que desejava perdurasse até ao fim da vida. Abriu bem os olhos para se certificar que na realidade a linda menina se aninhara nos seus joelhos, tocando-lhe meigamente com as suas mãozinhas finas.

Preocupado, passava revista às suas próprias mãos para verificar

Continua na pág. 6



11. JAMBORI DO JAPÃO

POR AMÉRICO F. ALVES

Edições Flor de Lis. s. l. n. d.
240 págs. Ilustr.

Em 1971 realizou-se no Japão o 13.º Jambori mundial, como os leitores devem recordar-se, e ao qual a A. E. P. apenas enviou um representante, aliás de Moçambique. Todavia o C. N. E., mais feliz, conseguiu fazer representar-se por cinco chefes, um dos quais o A. do volume indicado, que nele relata todas as peripécias ocorridas desde a saída de Braga, via Lisboa e Bruxelas, até à chegada a Tóquio, de onde os «escutas» portugueses seguiram para Asagiri, nas proximidades do famoso Fuji-Yama, onde se encontravam instaladas as delegações escotistas dos países participantes.

Na primeira parte relata o A. a viagem, por vezes em estilo faceto e bem humorado, ao que se segue a descrição das instalações no Jambori, seguidamente uma descrição desenvolvida da capital do Império japonês e por fim uma relação das digressões feitas a outros pontos do Japão, como Hiroxima e Nagazaque, as duas cidades destruídas em 1945 pela primeira bomba atómica.

Em capítulo final descreve como decorreu a 23.ª Conferência Mundial do Escotismo, coincidente com a celebração do 13.º Jambori, e na qual o A. tomou parte.

Do ponto de vista literário, o livro está redigido em estilo leve, a cada passo faceto, aqui e além irónico, por vezes terra-a-terra, tudo o que o torna aliciante de leitura. De vez em quando tem páginas de elegância literária e descrições cheias de vivacidade, cor e emoção, como a do violento tufão que caiu sobre o vasto acampamento escotista, o que levou a delegação do C. N. E. a abandoná-lo em face dos estragos sofridos.

Outra página a recordar é a descrição da ascensão ao monte Fuji, que todo o mundo conhece de fotografias que no espírito deixam uma ideia de beleza imperecível, mas que, visto do seu cume, é coisa completamente diferente. «Se o Fuji-Yama — escreve o A. — olhado cá de baixo, é quadro arrebatador, e se, lá de cima, é píncaro de deslumbramento, onde cada minuto arrebata e sufoca, ele é, sobretudo, no seu dorso colossal, um sítio aterrador, entretecido de abismos» (p. 76).

O A. regressou, naturalmente, cheio de entusiasmo desse encontro de confraternização escotista, do que é prova exuberante o seu livro, do qual ressaltam claramente todas aquelas virtualidades que fazem do Escotismo movimento sem par, tão imitado e nunca sequer igualado, única escola capaz de robustecer o carácter dos jovens, o que a Escola tantas vezes descura.

Dispensável seria o glossário pelo A. apensado ao volume e destinado, segundo previne (pág. 11) a esclarecer o leitor quanto ao significado das palavras «difíceis» (*sic*) por ele empregadas no corpo da obra, o que destoa no conjunto, até por serem discutíveis as significações propostas para certos termos.

O RATO SÁBIO
E. C. D.

Em pleno ambiente de revolução, os escoteiros tailandeses mantêm a ordem

A jornalista Vera Lagoa esteve recentemente no Extremo Oriente, em missão profissional.

Na crónica da viagem que publicou no jornal *Diário Popular*, avultam as considerações que faz a propósito da sua passagem pela capital da Tailândia, a cidade de Banguecoque.

Aconteceu que no dia da sua chegada ali — 14 de Outubro último — a cidade atravessava um momento angustiante, pois o povo tinha deposto o governo, após se ter revoltado contra violentas medidas por ele tomadas.

E a jornalista descreve:

«Durante três dias a polícia desapareceu. E todo o policiamento (principalmente no que se refere ao trânsito) ficou a cargo de escoteiros. Quase crianças. Posso documentá-lo. Com os tais jornais e com a foto que eu própria tirei (não sou especialista) no dia 16 de Outubro.

Ainda fiquei uns dias em Banguecoque. Ainda. Felizmente. E pude ver que todo um povo obedecia com ternura aos escoteiros. Pude ver que não havia o som de uma buzina. Pude ver que não havia uma desordem.»

Mais uma vez, os escoteiros demonstraram ser elementos positivos na acção cívica. Em Banguecoque, como em muitos outros lugares. Estas impressões da jornalista portuguesa merecem ser bem meditadas, e não só pelos escoteiros, visto provarem à puridade o enorme prestígio de que o nosso movimento goza em toda a parte onde é conhecido.

A prenda de Natal

Continuação da pág. 5

se estavam limpas e atreveu-se a tocar aqueles cabelos de ouro tão perto da sua face dura e enrugada, mas uma voz chamava já a atenção da criança e esta, de um salto, estava outra vez no chão disposta a partir, com a ligeireza com que tinha chegado. Hesitou ainda e, rapidamente, fugidiamente, depositou na face enrugada do velho um beijo de despedida.

O velho ficou perplexo, enquanto a criança desaparecida ligeira pela mão da mãe.

Depois, levou aos lábios a mesma mão que tocara os lindos cabelos louros, num afago que só ele saberia localizar no tempo.

Apertando as mãos, uma de encontro à outra, o velho ali ficou de novo a cismar, agora sorrindo feliz.

Ele tivera também a sua prenda de NATAL.

M. G.

Escotismo em Moçambique

GRUPO N.º 51 — BEIRA

Confraternização

Uma comissão de amigos deste Grupo promoveu, em 17 de Novembro paassado, um churrasco de convívio em que participaram escoteiros e seus familiares, bem como outros amigos, que serviu também para angariação de fundos para construção da sede do Grupo.

As obras de construção da sede vão bastante adiantadas, faltando apenas as pinturas e retoques nos acabamentos. O seu custo está orçado em 350 contos, projectando-se já a sua ampliação em mais sete metros com um pavilhão que irá servir para arrecadação de barcos à vela. A inauguração da sede está prevista para 13 de Janeiro.

DOS AMIGOS DE «SEMPRE PRONTO»

Manuel Rolo

Vítima de trágico acidente, faleceu o sr. Manual Rolo, casado com a sr.ª D. Otelinda de Jesus Cardoso Rolo, pai do sr. Manuel dos Santos Rolo e da nossa estimada amiga sr.ª D. Maria de Jesus dos Santos Rolo Garcia Inácio e sogro do nosso prezado companheiro Mariano Garcia Inácio.

Sempre Pronto manifesta a todos estes amigos o seu muito pesar pelo infausto acontecimento.

D. Gertrudes Gonçalves Silva

No dia 20 de Outubro p. p., faleceu a sr.ª D. Gertrudes Gonçalves Silva, mãe da sr.ª D. Júlia Maria Oliveira e Silva, sogra do nosso estimado amigo e Secretário Geral Adjunto da AEP sr. Justino Estêvão da Silva, e avó do escoteiro do Grupo 23 Justino Estêvão de Oliveira e Silva.

A todos estes nossos amigos, *Sempre Pronto* exprime o seu muito pesar.

Doente

Encontra-se internado na clínica cirúrgica do Instituto Português de Oncologia o nosso estimado amigo sr. António Gonçalves (Barradas), o qual tem experimentado sensíveis melhoras, com o que muito nos congratulamos.

ANTIGOS ESCOTEIROS DO BRASIL

Tivemos o prazer de receber a visita na nossa Redacção do boletim «Velha Guarda» dos Antigos Escoteiros da União dos Escoteiros do Brasil, referente ao mês de Outubro. Este facto é motivo de muita satisfação porque vem revelar que os nossos camaradas brasileiros têm já a sua Fraternal funcionando com entusiasmo e promovendo iniciativas interessantes.

Os Antigos Escoteiros do Brasil têm franca oportunidade de promover um Movimento importante, porquanto, pode mobilizar elementos de grande valor escoteiro e social que têm prestigiado a União dos Escoteiros do Brasil.

Saudamos os nossos camaradas brasileiros e daqui enviamos convite e sugerimos a sua filiação na «International Fellowship of Former Scouts and Guides», onde a presença do Brasil é muito desejada, como ainda recentemente foi dito no Congresso de Viena.

OS PORTUGUESES NO XVI JAMBORI NO AR

Continuação da pág. 10

Entre parêntesis a quantidade de contactos estabelecidos com determinado local, quando em número superior a um.

Grupo 7 (AEP) — Lisboa

Este grupo esteve *no ar* graças aos postos CT1GP e CT1SH, dos radioamadores srs. Francisco Pinheiro e Dr. Costa Reis, respectivamente.

Apresenta um relatório simples, mas bem organizado e cuidado.

Contactos obtidos:

CT1GP: — postos portugueses: Almada *70*, Angra do Heroísmo (2) 52, Benguela 39, Cabora Bassa, Funchal (2) 24 e *88*, Lisboa (6) 1, 8, 79 e *380* e JNO. Luanda DF, Nova Lisboa (2) *156 e 249*, Parede, Queluz 23, S. Tomé *296*. Estrangeiros: Brasil (4), Escócia, França (4), Inglaterra (4), Itália (3), Rússia e rádio móvel brasileiro no Mediterrâneo. Total: 37 contactos.

CT1SH: portuguesa: Angra do Heroísmo 52, Lisboa (2) 8 e JNO, Luanda DF, Nampula *243*. Estrangeiros: Brasil e EUA. Total: 7 contactos.

Grupo 15 (AEP) — Porto

Este grupo esteve a bordo do posto CT1KX do radioamador sr. Fernando Dias Tavares, e os resultados obtidos foram os seguintes:

Portugueses: Lobito 40, Lourenço Marques (2) *167*, 1.ª e 2.ª e AK, Luanda DF, Malange *271*, Nova Lisboa *177*, Porto 33, 44 e *104*, Porto Amélia.

Estrangeiros: Itália e Sudoeste Africano. Total: 10 contactos.

Grupo 17 (AEP) — Porto

Este grupo esteve neste JOTA, utilizando para o efeito o posto CT1ZA do radioamador sr. José Manuel Barbosa da Cunha. Contactos feitos:

Portugueses: Funchal 24 e Lisboa 8.

Estrangeiros: Inglaterra e Luxemburgo

Total: 4 contactos.

Grupo 23 (AEP) — Queluz

Mais uma vez este grupo esteve no Jambori no Ar, desta vez com o posto que funcionou sob o indicativo especial CT1JAM, operado pelo radioamador sr. Prof. Feliz F. Oliveira, instalado nas instalações da firma J. Pimenta, SARL, que desta forma deu o seu apoio a esta iniciativa.

Com este posto foram obtidos dois contactos: com Angra do Heroísmo 52 e Nova Lisboa.

Mas o maior número de contactos estabelecidos foram feitos por intermédio do posto CT1CY do radioamador sr. Raul Nobre. Eis os resultados:

Portugueses: Amadora, Azambuja 27, Cabora Bassa 1.ª e 2.ª, Caldas da Saúde, Cartaxo *52*, Elvas *158*, Faro *6*, 77 e *98*, Figueira da Foz *235*, Linda-a-Velha *297*, Lisboa (5) 1, 7, 8, 79, JNO, *17*, *53*, *338 e 380*, Nova Lisboa *156*, Queluz 22 e 93, Salazar EM, S. João da Madeira CNE, Vila Nova de Gaia 41.

Estrangeiros: Brasil (4), Itália (4) e Luxemburgo.

Total: 28 contactos.

Grupo 24 (AEP) — Funchal

Este grupo esteve *no ar*, graças à colaboração dos radioamadores srs. António Caldeira, P.e Manuel Sancho de Freitas e Henrique Clode Ferraz, através dos postos CT3AN, CT3AX e CT3AB, operando respectivamente com os indicativos especiais CT3AEP, CT2JAM e CT3CNE.

Contactos obtidos:

Portugueses: Algés *297*, Angra do Heroísmo (4) 52, Benguela 39, Beira GSM, Cabo Verde, Évora *32*, Funchal 24, Lisboa (9) 7, 79, 80, JNO, *71* e *107*, Luanda (3) DF, Malange (6) 36, *271* e 1.ª, Nampula, Nova Lisboa (2) *156*, Porto (3) 17, 44 e 3.ª, Praia da Vitória, S. Tomé, Vila Nova de Gaia 44, e PLNI (5).

Estrangeiros: Argélia, Argentina (2), Brasil (20), Dinamarca, EUA (2), Holanda, Ilha da Ascensão, Inglaterra (4), Itália (4), Jugoslávia, Luxemburgo, Noruega (3), Terra Nova, Uruguai, Venezuela e PLNI (2). Total: 88 contactos.

Grupo 29 (AEP) — Dondo

Este novel grupo esteve mais uma vez no JOTA, operando do posto CR7IX, sob o indicativo CR7AEP, do radioamador sr. José Dias Manso Coelho Faria.

Contactos estabelecidos:

Portugueses: Alvega, Beira (2) 51, SJ e GSM Benguela (2) 39, Elvas *158*, Lisboa (3) e *45*, Lobito (2) 40 e guias, Lourenço Marques (4) *167*, AK e guias, Luanda (6) 36, DF e SCR, Malange (9) *271* e 1.ª, Nova Lisboa (7) *150*, *166*, *177*, *249 e 368*, Ponta Delgada 80 e *107*, Sá da Bandeira *211*, Salazar BP, S. Tomé (2) *296*, Santarém *52*, Vila Nova de Gaia 41.

Estrangeiros: África do Sul (13), Alemanha Federal, Brasil (14), Chipre, França, Grécia, Holanda (2), Hungria, Ilhas Maldivas, Inglaterra, Irlanda, Japão (4), Luxemburgo, Noruega, Quénia, Rodésia (3) e Sudoeste Africano. Total: 92 contactos.

Saliente-se os contactos com o Japão. Relatório simples mas cuidado.

Grupo 41 (AEP) — Vila Nova de Gaia

Este grupo contou com a boa colaboração do radioamador sr. António Araújo Ferreira, com o seu posto CT1HE para estar *no ar*. Os resultados conseguidos foram os seguintes:

Portugueses: Algés *33*, Dondo 29 e LUS, Évora (2) *37*, Faro 77, Lisboa (4) 8, JNO e *380*, Loulé *7*, Lourenço Marques (2) CNE e 1.ª e 2.ª, Luanda DF, Malange *271*, Nova Lisboa *167*, Queluz (2) 22 e 23, Santarém *52*.

Estrangeiros: Brasil, Canadá, Inglaterra, Luxemburgo, Suécia, Suíça e Venezuela. Total: 25 contactos.

Grupo 44 (AEP) — Vila Nova de Gaia

O grupo 44 contou com a cooperação de três radioamadores para a sua participação neste JOTA. os srs. João Fonseca, Anísio Soares e Luís da Rocha Marques, com os seus emissores CT1EO, CT1CB e CT1NS respectivamente.

Os resultados foram animadores:

CT1EO:

Portugueses: Angra do Heroísmo (2) 52 e CNE; Coimbra *31*, Funchal 24, Lobito 40, Lourenço (4) AK BP, *177*, *180*, 1.ª e 2.ª, Luanda (3) DF, SCR, Nova Lisboa (2) *156*, *177*, Ponta Delgada (2) e *107*, Salazar SG, e S. Tomé *126*.

Estrangeiros: Brasil (7) e Canadá (2). Total: 27 contactos.

CT1CB:

Portugueses: Luanda 7.

Estrangeiros: EUA. Total: 2 contactos.

CT1NS:

Portugueses: Angra do Heroísmo (2) 52, Funchal (2) 24, Ponta Delgada 80 e *107*.

Estrangeiros: Itália (2). Total: 7 contactos.

Grupo 79 (AEP) — Lisboa

Este grupo operou dos postos CT1NX, do radioamador sr. Valentim, CT1JNO, do nosso colaborador sr. Rui Fernando da Fonseca.

Portugueses: Beira *155* e 2.ª, Benguela 39, Dondo 29 e LUS, Lisboa (9) 1, 7, 8, 94, JNO, *45*, *70 e 380*, Lourenço Marques (3) AK, *167 e 168*, Luanda DF, Macinga (?), Malange (3) *271*, Nampula, Nova Lisboa (4) *156*, Ponta Delgada (2) 80 e *107*, Quelimane *190*, Queluz 23, Salazar EM e SG, S. Tomé (2) *296*, Silva Porto *60* e PLNI *36*.

Estrangeiros: Brasil (14), Espanha, França, Inglaterra, Itália (3) e Suíça. Total: 55 contactos.

Grupo 94 (AEP) — Lisboa

Este grupo, há longos anos afastado dos JOTA, voltou este ano a actuar. Para isso, contou com a colaboração do sr. António Pinheiro, radioamador do Alto da Ajuda, com o seu posto CT1GP.

Os resultados obtidos:

Portugueses: Angra do Heroísmo 52, Dondo LUS, Lisboa 1 e 79, Lourenço Marques (3) AK, *167* e 1.ª, Luanda (2) DF e SCR, Malange (4) *271* e 1.ª, Nova Lisboa (3) *156 e 249*, Sá da Bandeira 8 e *211*, Salazar (2) SM, e Silva Porto CNE.

Estrangeiros: Alemanha Federal, Brasil (3) e Inglaterra. Total: 2 contactos.

Agrupamento 6 (CNE) — Porto

Este agrupamento esteve *no ar* através do posto CTIKX do radioamador sr. Fernando Dias Tavares, do Porto, tendo conseguido os seguintes resultados:

Portugueses: Lobito 5 e *10*, Lourenço Marques (2) AK, 37, *10* e 2.ª, Luanda DF, Malange *271*, Nova Lisboa *107 e 177*.

Estrangeiros: Itália e Sudoeste Africano. Total: 8 contactos.

Grupo 33 (CNE) — Porto

Este grupo esteve a *bordo* do CT1CB do radioamador sr. Anísio Soares e alcançou os seguintes resultados: Portugueses: Aveiro *78*, Nampula *246*, Silva Porto *40*.

Estrangeiros: Argentina, Bahamas, Canadá, Espanha, EUA (9), Escócia, Finlândia e Suécia. Total: 19 contactos.

Agrupamento 39 — Grupo 45 (CNE) — Lisboa

Esta unidade escotista contou com o posto CT1DD, donde obteve os seguintes resultados:

Portugueses: Dondo LUS, Lisboa (3) 1, 7 e 79, Lobito (2) 40, Luanda SCR, Luso (Angola), Malange (2) *271*, Nampula *246*, Nova Lisboa (4) *156*, *177 e 249*, Quelimane *196* e Salazar SG. Total: 17 contactos.

Relatório simples mas claro.

Agrupamento 66 (CNE) — Lisboa

Sendo a primeira vez que toma parte num JOTA, este agrupamento esteve *no ar*, graças ao emissor CT1CY, operado

Continua na pág. 8

OS PORTUGUESES NO XVI JAMBORI NO AR

Continuação da pág. 7

pelo sr. Raul Nobre. Os resultados são os seguintes:

Portugueses: Beira CNE, Elvas *158*, Lisboa *57*, Lourenço Marques 1.ª e 2.ª, Queluz 22 e 93, e Salazar EM.

Estrangeiros: Brasil (4). Total: 10 contactos.

Este agrupamento teve a companhia, neste posto, dos rapazes do grupo 23 e está animado de grande entusiasmo por esta actividade, portanto é de esperar que no próximo ano os resultados sejam muito diferentes.

Agrupamento 69 (CNE) — Odivelas

Através do posto CT1VE, do radioamador sr. Sílvio Ferreira Simões de Oliveira, este agrupamento alcançou os seguintes resultados:

Portugueses: Linda-a-Velha *33*, Luanda SCR, Nampula *246*, e Queluz 19 e 21.

Estrangeiros: Brasil, Escócia, EUA e Venezuela. Total: 8 contactos.

Agrupamento 70 (CNE) — Almada

Dois postos colaboraram com este agrupamento: o CT1VV, do sr. Alberto Duarte Lopes, e CT1FB, do sr. David Pereira.

Contactos estabelecidos:

Portugueses: Elvas *158*, Lisboa (3) 7, 79 e JNO, Loulé 7, Malange *271* e S. Tomé *296*.

Estrangeiros: Áustria, Brasil, França, Holanda, Inglaterra, Itália (2) e Luxemburgo. Total: 15 contactos.

Agrupamento 71 (CNE) e 10.ª companhia de guias (Parede)

Posto utilizado: CT1KG.

Os resultados conseguidos foram os seguintes:

Portugueses: Algés *297*, Almada, *45*, Alto Catumbela *184*, Funchal 24, Lisboa, Lourenço Marques *180*, Luanda (3) DF, SCR e guias, Malange *271*, Nova Lisboa *156* e 1.ª, S. Domingos de Rana *113* e S. Tomé *296*.

Estrangeiros: Brasil e Itália. Total: 15 contactos.

Agrupamento 109 (CNE) — Coimbra

Este grupo foi hóspede do sr. Carlos Alberto Machado, ilustre radioamador de Coimbra, onde, através do seu posto CT1MW obteve os seguintes contactos:

Portugueses: Figueira da Foz *235*, e Porto *44* e 3.ª.

Estrangeiros: Áustria, Brasil, Curaçau, EUA (2), Inglaterra (5), Jamaica e Luxemburgo. Total: 14 contactos.

O radioamador sr. José Simões Félix também colaborou com este agrupamento com o seu posto CT1ER.

Agrupamento 119 (CNE) — Coruche

Este agrupamento, através do emissor CT1BQ, apenas obteve 3 contactos: Ponta Delgada (2) 80 e *107* e Itália.

Agrupamento 158 (CNE) — Elvas

Este agrupamento voltou este ano ao JOTA e novamente ao posto CT1FV do radioamador antigo escuta sr. José Humberto Ferreira Abelha.

Os resultados, bastante bons, foram os seguintes:

Portugueses: Almada (2) *70*, Azambuja 27, Benguela (6) 39, *97*, Brig. Mar., e 1.ª Dondo LUS e 29, Évora *37*, Faro 6, 77 e *98*, Linda-a-Velha *297*, Lisboa (6) 8, 23 JNO e *380*, Loulé (2) *290*, Lourenço Marques BP, Luanda (4) DF e SCR, Nampula (2), *246*, Nova Lisboa *249*, Ponta Delgada 80 e *67*, Porto 17, Sá da Bandeira 8 e *211* e PLNI.

Estrangeiros: Alemanha (2), Argélia, Bélgica, Brasil, França, Holanda (4), Inglaterra, Irão, Itália (5), Total: 50 contactos.

Agrupamento 230 — Grupo 42 (CNE) — Lisboa

Foi apenas um contacto o que foi obtido por este agrupamento, que operou do posto CT1VS. O contacto foi estabelecido com Lisboa *380*.

Esperamos que no próximo ano os resultados sejam bem melhores.

Agrupamento 235 (CNE) e 1.ª companhia de Guias — Figueira da Foz

Estas duas unidades estiveram *a bordo* do posto CT1MA e os resultados obtidos foram os seguintes:

Portugueses: Angra do Heroísmo 52 e Oliveira de Azeméis.

Estrangeiros: Alemanha (4), Bélgica, Dinamarca. Holanda (8), Inglaterra (15), Itália (9), Irlanda do Norte, Luxemburgo (2), Malta, Noruega, Suécia e Suíça (2). Total: 48 contactos.

Belos os resultados obtidos com o estrangeiro.

Agrupamento 235 — Grupo 15 (CNE) — Figueira da Foz

Este agrupamento também operou sozinho do posto CT1TD. Resultados obtidos:

Portugueses: Lisboa *58*, Malange 1.ª, Nova Lisboa *156*, Ponta Delgada 80 e *107*, Queluz 23 e Santarém *52*.

Estrangeiros: Brasil (2). Total: 8 contactos.

Uma avaria do emissor não permitiu a consecução de melhores resultados.

Agrupamento 271 (CNE) — Malange

Eis-nos perante o mais brilhante participante português neste XVI JOTA, pelo menos entre os de que até agora recebemos relatórios.

Este agrupamento esteve *no ar* através de quatro postos — CR6PN, CR6LK, CR6KZ e CR6NS, respectivamente dos radioamadores srs. Agostinho Lemos Guedes, Laurentino Angelo Borges, Amaro Paiva Frutuoso e Francisco Macedo Marques, através dos quais alcançaram o total de 231 contactos!

Mas isto ainda não é tudo: os escoteiros do 271, de Malange, apresentam-nos um primoroso relatório, meticulosamente elaborado, de um nível artístico até agora não atingido por qualquer relatório que tenhamos compulsado de grupos portugueses e em todos os Jamboris até agora realizados. Um *BRAVO!* aos escoteiros de Malange.

Deve-se este óptimo trabalho ao E. C. José Pereira Marques, que teve um diligente colaborador artístico — o sr. Amaro João Pereira Barbosa.

E agora vejamos os contactos obtidos:

CR 6 PN:

Portugueses: Algés *297*, Beira (4) 51, *155*, *594* e 2.ª, Benguela (3) 39, Dondo (2) LUS e 29, Funchal 24, Lisboa (3) 1, 79, 94 e *57*, Lobito (3) 40 e 1.ª, Lourenço Marques (14) *21*, *167*, *168*, *180*, *261*, BP, AK, 1.ª e 2.ª, Luanda (2) DF, Nampula (5) *246*, Ponta Delgada (2) 80 e *107*, Porto 15 e *10*, Queluz 22 e 93, Salazar (5) BP, EM, SG, SR, Santarém *52*, S. Domingos de Rana *113*, S. Tomé (4) *296*, e PLNI.

Estrangeiros: África do Sul (13), Brasil (20), Colômbia, Inglaterra, Itália, Japão, Peru, Quénia (2), Rodésia (2) e Venezuela. Total: 97 contactos.

CR 6 LK:

Portugueses: Beira (2) SG, SJ e C.ª, guias, Dondo (2) LUS e 29, Funchal 24, Lobito 40, Lourenço Marques (3) *29*, *167*, *180*, AK e 1.ª e 2.ª, Luanda DF, Ponta Delgada 80 e *107*, Salazar (3) EM, SG e SR, S. Domingos de Rana *113*, S. Tomé (2) *296*, Vila Nova de Gaia 41.

Estrangeiros: África do Sul (5), Brasil (29), EUA, Grécia, Itália (3), Rodésia (2), Roménia, Suécia e Venezuela. Total: 62 contactos.

CR 6 NS:

Portugueses: Almada *70*, Beira (2), 51, SJ e 2.ª, Dondo LUS e 29, Lisboa (3) 1, 79, 94 e *45*, Lourenço Marques (5), *167*, *168*, BP e Guias, Nampula (2) *246*, Ponta Delgada 80 e *107*, Salazar (2) EM e SG e S. Tomé *296*.

Estrangeiros: África do Sul (4) e Brasil (7). Total: 29 contactos.

CR 6 KZ:

Portugueses: Beira (2) 51, *45* SJ e 2.ª, Dondo LUS e 29, Funchal 24, Lisboa (3) 1, 79, 94, *45*, *53* e *238*, Lourenço Marques (3) *167*, *168*, AK, 2.ª e 10.ª, Luanda 36, Nampula (2) *246*, Ponta Delgada 80 e *107*, Salazar (2) EM e SG, Santarém *52*, S. Domingos de Rana *113* e S. Tomé *296*.

Estrangeiros: Brasil (21), México, Peru e Venezuela. Total: 43 contactos.

A todos os postos contactados foi transmitida a seguinte mensagem: *Os escutas de Malange abraçam o mundo.*

Magnífico, hem? Só um reparo: porque foi omisso o relatório nos nomes das localidades dos postos portugueses com que contactaram?

E se dedicássemos um *Bravíssimo!* aos nossos camaradas de Malange?

Agrupamento 296 (CNE) — S. Tomé

Este agrupamento participou pela primeira vez num JOTA. E o seu chefe afirma que os rapazes ficaram «positivamente siderados ao verificarem que o mundo lhes caía em cima». E este um dos maravilhosos aspectos de um Jamboree no Ar: mostrar aos rapazes a grandeza do mundo que os cerca, a proximidade a que estamos até daqueles que mais longe estão de nós e a grande fraternidade do movimento escotista à escala mundial.

Pois o 296 esteve muito bem. Mandou-nos um relatório muito claro e conseguiu apreciável número de contactos. Trabalhou em dois emissores: no CR5AJ, do radioamador sr. Horácio Gonçalves Torres, e no CR5SP do sr. Alcibíades Pereira da Silva.

Publicamos os resultados obtidos através do primeiro destes postos:

Portugueses: Beira (2) 51, *155*, 1.ª e 2.ª, Benguela (3) 39, Carcavelos *113*, Dondo 29, Lisboa 1 e 79, Lobito (2) 40, Lourenço Marques (4) *21*, *168*, *177*, BP AK, e 10.ª, Luanda (5) 36, DF e SCR, Malange (8) *271* e guias, Nampula (2) *146 e 246*, Nova Lisboa (9) 8, *156*, *167*, *177*, *211*, *249* e 1.ª, Ponta Delgada (2) 80 e

Continua na pág. 9

Os Portugueses no XVI Jambori no Ar

Continuação da pág. 8

107, Porto (2) 41, 44 e 91, Sá da Bandeira (2) 8 e *211*, Salazar (3) *180*, EM e SG, e Santarém *52*.

Estrangeiros: Argentina, Brasil (25), Itália (3), Rodésia, Roménia e Venezuela. Total: 80 contactos.

Ficamos a aguardar o relatório do posto CR5SP.

Agrupamento 297 (CNE) — Algés

Este agrupamento, ao que cremos, é a primeira vez que está num JOTA. Esteve *no ar*, graças ao posto de um radioamador escoteiro: o CT 364. Contactou só com postos portugueses:

Benavente, Cacém (3) 22 e 93, Caldas da Saúde, Carcavelos *113*, Cartaxo *52*, Elvas (2) *158*, Évora (3) *37*, Faro 6, 77 e *98*, Funchal (2) 24, Lisboa (13) 1, 8, 19, 23, 79, JNO, *53*, *297* e *380*, Loulé *290*, Luanda (2) DF e SCR, Malange *271*, Nova Lisboa *156*, Odivelas *69*, Parede *71* e 10.ª, Salazar EM, Vila Nova de Gaia (4) 41 e PLNI (4). Total: 44 contactos.

Relatório do XV Jambori no Ar

Os Escoteiros de Portugal acabam de publicar o relatório do XV JOTA.

Trata-se de uma publicação cuidadosamente elaborada que oferece dados muito correctos sobre a dimensão da participação dos portugueses nesta grande actividade mundial dos escoteiros.

Está de parabéns o organizador nacional, o E. C. Justino Estêvão da Silva pela forma como planificou esta publicação, pelas informações completas que contém e pelos laboriosos índices estatísticos que oferece, pelos excertos colhidos na imprensa e que dão uma justa medida da importância do acontecimento no contexto nacional. Em suma: uma publicação que, pelo interesse do seu conteúdo e pelo excelente aspecto gráfico, merece ficar guardado nas bibliotecas dos grupos de escoteiros para ser consultado amiúde.

Agradecemos as referências feitas ao nosso jornal.

Outras iniciativas dos nossos grupos

Além da participação no JOTA propriamente dita, os grupos de escoteiros portugueses realizaram outros trabalhos relacionados com esta actividade, como, por exemplo, a edição de sobrescritos especiais, como o Grupo 23, de Queluz, os grupos dos Açores e da Madeira, o Grupo 39, de Benguela, os agrupamentos do CNE de Nova Lisboa e os Grupos de Dondo (Moçambique).

O Grupo 23 editou ainda um belo cartão de QSL, o mesmo acontecendo com o Grupo 24 da AEP e o do CNE, ambos do Funchal, o posto CT1AEP de Lisboa e o Apontamento 271, do CNE, de Malange.

A Organização Nacional do JOTA editou ainda uma relação de «Carimbos Comemorativos de Eventos Escotistas», completa e muito útil para os filatelistas.

«Metade da preocupação existente no mundo é causada por pessoas que procuram tomar decisões antes de ter conhecimento suficiente em que basear uma decisão».



GRUPO N.º 2

Simpósio escotista nas comemorações do 60.º aniversário

No dia 8 do corrente, este grupo deu seguimento às comemorações do seu 60.º aniversário com a realização de um simpósio onde seria abordado o tema *O escotismo e a sua validade no presente*.

A sessão foi presidida pelo nosso dedicado colaborador sr. Rev. Eduardo Moreira, que tinha a ladeá-lo os E. C. Madeira Leitão, Armando Garcia Inácio e Luís de Matos e ainda o sr. Américo Assunção, membro da direcção do Ajuda Clube, em cujo salão social se realizou o colóquio.

Apresentado pelo E. C. Madeira Leitão, o sr. Rev. Eduardo Moreira iniciou a sessão, tecendo algumas considerações sobre o sistema de B.-P., o qual, afirmou, porque nada de novo há debaixo do sol, foi um inventor renovador, pois tendo-se encontrado com rapazes da África do Sul, inventou a maneira de melhor os aproveitar.

Falando do sistema educativo do escotismo, referiu-se a duas formas de locomoção: o andar e o marchar. O andar é um movimento individual — ensina-nos a respeitar-nos e a respeitarmos o nosso corpo. O marchar é um movimento colectivo. O escotismo ensina a marcha, ensinando a cada um a acertar o passo com o do companheiro, porque há os que não querem acertar o passo. É necessário saber andar e saber marchar. O escotismo ensina ambas as coisas. Aludiu ainda ao facto de o escotismo conhecer, melhor que qualquer outro movimento, o que é o anti-racismo, a naturofilia, o ecumenismo e a ecologia. Todas estas doutrinas e ciências são já há muito ensinadas no escotismo. Conclui-se assim que o Escotismo é de facto um movimento de grande validade no presente.

O chefe Armando Inácio fez seguidamente algumas considerações sobre lobitismo, que deu ensejo a um debate sobre este ramo escotista em que intervieram os srs. Prof. Lopes do Rego, E. C. Mariano Garcia, Madeira Leitão, Luís de Matos e Joel Ribeiro.

No final, o sr. Américo Assunção manifestou o agrado com que o Ajuda Clube recebera os escoteiros, à disposição dos quais pôs as instalações da colectividade.

Na sede do Dois, foi servido depois um chá a todos os presentes.

GRUPO N.º 8

Demissão

Foi concedida a demissão ao caminheiro Joaquim Tavares de Oliveira, a fim de permitir a este escoteiro ir exercer a sua actividade no novel Grupo 31. Na ordem de serviço que dá a exoneração a este escoteiro, são feitas elogiosas referências a este elemento, porque se «trata de um caminheiro cheio de boa vontade».

Reestruturação do grupo

Foi resolvido não nomear novo chefe de tribo, após o pedido de demissão deste cargo apresentado pelo escoteiro Carlos Eduardo Barros Mascarenhas. Ao mesmo tempo, foram designados os dias em que se realizam as diversas reuniões. Em cada patrulha passará a haver um relator, que terá a seu cargo a missão de reduzir a escrito tudo quanto interesse à história da patrulha, assim como a função de organizar o «Caderno de Patrulha». Neste trabalho, terá a colaboração do fotógrafo da patrulha, que obterá os necessários elementos fotográficos.

Cada patrulha terá ainda os seguintes cargos: o primeiro socorrista, o intendente (que administrará as economias da patrulha e os seus bens patrimoniais, organizará as deslocações e orientará os gastos), o cozinheiro e o topógrafo.

Todos os elementos constituídos nestas funções receberão a indispensável formação para o efeito. No exercício das suas funções não actuarão isoladamente, mas terão a colaboração dos outros membros da patrulha

Curso de topografia

Um topógrafo da Câmara Municipal de Lisboa, o sr. Carlos da Silva Cruz Paiva, está ministrando um curso de topografia aos guias de patrulha, curso que se desenvolve por meio de lições quer teóricas, quer práticas.

Os 60 anos da A. E. P.

A equipa que organizou o acampamento comemorativo do 60.º aniversário da Associação dos Escoteiros de Portugal que se realizou no Parque de Escotismo da Caparica, teve a gentileza de nos dirigir agradecimentos pela colaboração que este jornal deu àquela actividade, agradecimentos extensivos a diversas entidades escotistas que cooperaram naquela actividade, bem como à Cruz Vermelha Portuguesa, que ali manteve um enfermeiro de serviço.

Aproveitamos a oportunidade para informar que, ao contrário do que dissemos na nossa notícia, foi o E. C. Virgílio Morais que esteve presente naquele acampamento e não o E. C. Jorge Calaz.

Equipa do Parque de Escotismo da Caparica

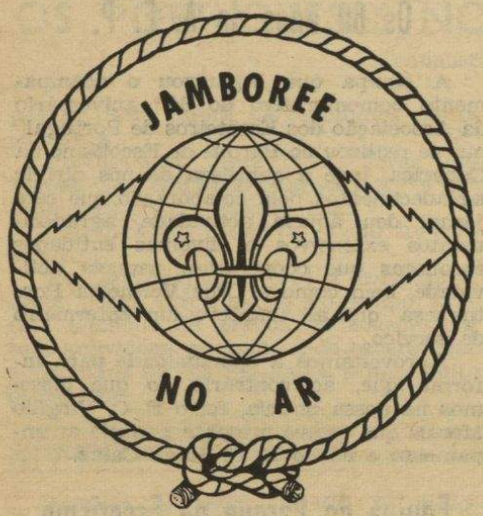
O E. C. Otelo Henriques de Sousa passou a fazer parte da equipa do Parque de Escotismo, tendo participado já, nessa qualidade, na organização do acampamento do aniversário da AEP.

Exposição de aguarelas de Humberto Martins

O nosso prezado amigo sr. Humberto Martins, conceituado dirigente escotista e vice-presidente da direcção da Fraternal dos Antigos Escoteiros, levou a efeito, de 1 a 15 de Novembro último, no Palácio dos Valenças, em Sintra, uma exposição aguarelas da sua autoria e de estudos de desenho.

A exposição teve a presença de muitos antigos escoteiros, que admiraram a arte deste nosso camarada, revelada predominantemente em temas de figuras humanas do Algarve, donde Humberto Martins é natural. Também se via uma tela do tema escotista.

O sr. António Pereira Forjaz, presidente do Município sintrense e também antigo escoteiro, esteve presente neste certame, que inaugurou.



OS PORTUGUESES NO XVI JAMBORI NO AR

Melhor que nunca!

São nitidamente optimistas, e com toda a justificação, as previsões acerca da amplitude da participação portuguesa no XVI JOTA.

Segundo nos revelou o nosso amigo E. C. Justino Estêvão da Silva, organizador nacional do JOTA, foram excedidos os máximos alcançados pelos portugueses em anos anteriores, máximos esses que tinham colocado o nosso país numa posição sumamente honrosa à escala mundial, facto a que o nosso jornal tem dado o devido e possível relevo.

Para já, calculam-se em 54 ou 55 os postos que no Continente participaram no JOTA. Nos Açores, esses números elevam-se a 3, bem como na Madeira. Em S. Tomé e Príncipe 2. Em Angola 60!... E em Moçambique 35.

Sublinhe-se ainda um outro facto: em Angola, alguns dos grupos que tomaram parte no JOTA fizeram coincidir essa participação com a realização de acampamentos, dando um cunho verdadeiramente escotista a esta actividade.

A inauguração oficial

O XVI Jambori do Ar foi oficialmente inaugurado com uma recepção que se efectuou em Queluz nas instalações dos escritórios da sociedade J. Pimenta, que gentilmente preparou as salas para acolher os escoteiros e seus convidados. O vestíbulo foi alcatifado a verde, por ser a cor dos escoteiros, mas o descuido de um fumador provocou a inflamação da cola da alcatifa, deixando o recinto negro do fumo e encharcado da intervenção indispensável dos bombeiros. No entanto, com generoso esforço, que se prolongou até de madrugada, o recinto foi novamente preparado de forma a poder receber os convidados. No sábado, à tarde, compareceram delegações dos Grupos 22, 23 e 93, respectivamente do Cacém, Queluz e Sintra, que fizeram a guada-de-honra às entidades que compareceram, sob a direcção dos Chefes Fulberto Silva e António Pinto.

O Escoteiro-Chefe Justino Estêvão da Silva, organizador nacional do Jambori do Ar, apresentou as boas-vindas aos srs. António Pereira Forjaz, presidente da Câmara Municipal de Sintra; António da Silva Antunes, presidente da Junta de Freguesia de Queluz, que representava o Administrador do Bairro Sr. Eduardo Rodrigues Cardoso; Silvestre Rodrigues, comandante da P. S. P.; Fernando P. Silva, comandante dos Bombeiros Voluntários de Queluz; representante da Delegação de Sintra da Liga dos Combatentes da Grande Guerra; industrial J. Pimenta; Eng.º José Maria Nobre Santos, escoteiro-chefe-geral adjunto da AEP; Dr. Sousa Dias, chefe regional do CNE; António Xavier de Oliveira, que chefiou o Acampamento Nacional do CNE; Miguel Raposo Bicho, chefe do Grupo 93, de Sintra, e muitos outros convidados, tendo o nosso jornal sido representado pelo seu Director.

Ao fundo da sala, duas grandes bandeiras, da AEP e do CNE, assinalavam mais uma actividade promovida em íntima colaboração. No vestíbulo, os Correios instalaram um posto postal que carimbava a correspondência com a marca oficial comemorativa do Jambori, tendo sido emitidos, como de costume, sobrescritos comemorativos. Do outro lado, o radioamador sr. Prof. Feliz Fernandes de Oliveira participava no Jambori no Ar, tendo as respectivas operações sido apreciadas com muito interesse pelos convidados, que escutaram algumas mensagens do mundo escoteiro.

Depois de ter sido servido um fino beberete, o chefe Justino Silva expressou o agradecimento da Organização do Jambori às entidades presentes e a todos quantos têm colaborado na organização daquela actividade em que participam escoteiros de todo o mundo e pediu ao sr. presidente da Câmara de Sintra, antigo escoteiro, que fizesse a entrega ao radioamador sr. Prof. Feliz Oliveira, da medalha de agradecimento, classe cobre, com que os Escoteiros de Portugal o distinguiram em reconhecimento da assídua e dedicada colaboração prestada ao JOTA. O Eng.º Nobre Santos entregou lembranças de cunho escotista ao sr. António José Pereira Forjaz, presidente da Câmara, ao sr. António da Silva Antunes, presidente da Junta de Freguesia, e ao sr. Carlos da Silva Pereira, presidente da direcção da Liga dos Amigos de Queluz.

RESUMOS DE RELATÓRIOS

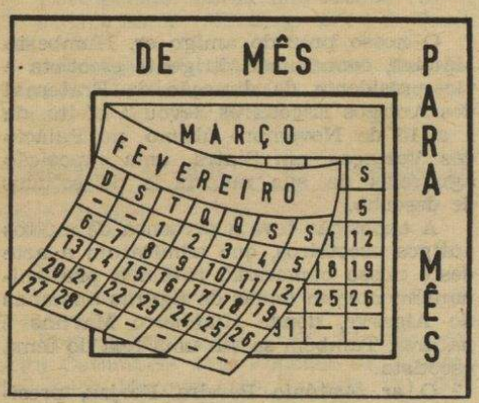
Sinais convencionais

Devido à expansão que a participação portuguesa nos Jamboris no Ar está atingindo, somos obrigados a perfilhar alguns sinais convencionais que contribuam para a indispensável economia de espaço. Assim, doravante os números das unidades escotistas contactadas pelos diversos postos serão impressas em redondo, quando disserem respeito a grupos da AEP, em itálico, quando disserem respeito a grupos ou agrupamentos do CNE, e em números ordinais quando forem de companhias das Guias de Portugal.

Outras abreviaturas (unidades escotistas não identificadas por números): BP — Agrupamento *Bom Pastor*, de Lourenço Marques e de Salazar; DF — *Brigada Marítima D. Fuas Roupinho*, de Luanda; EM — escutas marítimos de Salazar; GSM — *guias de Santa Maria*, da Beira; LUS — *Grupo da Lusalite* da AEP, do Dondo (Moçambique); PLNI — posto de local não identificado; SCR — grupos do CNE do Seminário de Cristo Rei, de Luanda; SG — agrupamento de *S. Gabriel*, de Salazar; SJ — agrupamento de *S. Jorge*, da Beira; SR — agrupamento de *Sarmento Rodrigues*, de Salazar. O grupo da *Comunidade Ismaelítica de S. Alteza Aga-Kan*, de Lourenço Marques, é identificado pelas letras AK.

JNO designam o posto CT1HV do nosso estimado colaborador Rui Fernando da Fonseca, que esteve trabalhando ao serviço da Organização Nacional sob o indicativo especial CT1JNO.

Continua na pág. 7



ANTI-ESCOTISMO?



Baden-Powell classificou o caminheirismo como uma alegre fraternidade do ar livre e esta designação pode na realidade ser aplicada a todo o Movimento Escoteiro. Tudo no Escotismo convida à fraternidade, à camaradagem, entre rapazes e raparigas de todas as classes, opiniões ou nacionalidades. Escotismo é essencialmente convívio, amizade, preparando a mocidade para a vida em comunidade, para um bom entendimento entre todos os povos.

Não se concebe por isso a existência de «escotismo isolado» ou, a existir, talvez tivesse de ser designado por «anti-escotismo». Surpreendeu-nos por isso a pergunta feita em recente inquérito aos grupos de Escoteiros de Portugal. Depois de exactamente sugerir uma actividade e esforço colectivos, interroga: — Acha que está certo o que atrás se diz ou prefere que o seu Grupo trabalhe isolado?

Não seria melhor perguntar: ou prefere que o seu Grupo seja Anti-Escotismo?

SEMPRE PRONTO — Propriedade do Círculo Fraternal de Cooperação Escotista

Director, Editor e Administrador — EDUARDO RIBEIRO
Director-Adjunto — JOEL RIBEIRO

Equipa de Redacção:
MARIANO GARCIA
ARMANDO INÁCIO

Equipa de Administração:
CAPITOLINO FERREIRA MACEDO
ERNESTO CLÍMACO DO NASCIMENTO
LUÍS GARCIA

Número avulso: 2$50 — Assinatura anual: 30$00